

# A DÉCADA MEDIÁTICA DE TIMOR-LESTE (1989-99) UMA PERSPETIVA DO AGENDAMENTO MEDIÁTICO<sup>1</sup>

---

*Rui Marques\**

*Mas como se fosse o milagre perdido  
Pelo rio da prece ao som das balas  
As imagens do massacre foram salvas  
As imagens romperam o cerco do silêncio  
Irromperam nos écrans e os surdos viram  
A evidência nua das imagens*

Sophia de Mello Breyner Andresen

A história de Timor-Leste, no final do século XX, num período de grande sofrimento provocado pela ocupação indonésia, é marcada pela crescente exposição mediática, fruto de uma inteligência estratégica e de capacidade tática absolutamente notável. Os timorenses (sobretudo eles) e os seus aliados espalhados pelo mundo, conseguiram quebrar o silêncio imposto pela potência ocupante e ocupar um espaço central na agenda mediática e, dessa forma, captar a atenção e o apoio da opinião pública em vários países. Rever os momentos críticos dessa década mediática e o seu impacto específico no processo de libertação de Timor-Leste constitui o roteiro deste texto.

---

\* Presidente do Instituto Pe António Vieira (IPAV).

<sup>1</sup> A partir de Marques, R. (2006) A defesa de uma causa – agendamento mediático de Timor-Leste (1987/1999) segundo o modelo de Lang & Lang. Porto Editora.

## 1. DECISÃO DE ABERTURA DO TERRITÓRIO – 1 JANEIRO DE 1989

Depois de décadas de um manto de silêncio, em 1 de Janeiro de 1989, dá-se a abertura de Timor a cidadãos estrangeiros. Convencidos que a guerra estava ganha e eventualmente induzidos propositadamente em erro pelo então governador Mário Carrascalão – que hoje se reconhece ter tido um papel importante no desenvolvimento do processo de resistência – os indonésios pretendiam então mostrar ao mundo um Timor “pacificado” e “orgulhoso da integração”<sup>2</sup>.

Com os argumentos de um suposto desenvolvimento mostram a obra feita, comparando estradas, escolas e hospitais do tempo colonial português com o que a Indonésia tinha feito. Realmente, a diferença era abissal. Mas quando se analisava com mais detalhe as evidências eram outras. As estradas eram fundamentais para a movimentação rápida de meios militares pesados, aumentando a operacionalidade dos militares indonésios, enquanto que para os timorenses, os sucessivos postos de controle nas estradas transformava uma viagem num calvário, marcado pelo medo e pela corrupção sempre cultivada pelos indonésios. Também no domínio das escolas, as aparências iludiam: acima de tudo estava em jogo a introdução de uma nova língua – bahasa indonésia – e de uma cultura javanesa. Portanto, o “desenvolvimento” não era mais que o exercício de uma política de integração dos timorenses na Indonésia.

Um ano depois, Xanana Gusmão, sublinha, no entanto, que:

“Relativamente à “abertura”, se Jacarta continua saboreando a sua grande vitória no plano da propaganda, a resistência maubere não deixou de mostrar que sabe situar-se a toda e qualquer alteração produzida pelo ocupante. Temos usufruído muito mais vantagens do que o próprio ocupante, dessa política, vantagens que são despercebidas muitas delas e até mesmo desconhecidas mas que, no âmbito global da resistência, reforçam os fundamentos desta luta popular”<sup>3</sup>

Deixando de estar sujeito a um regime especial, Timor volta a receber cidadãos estrangeiros, em turismo, em negócios ou em acção humanitária, através de ONGs. E em qualquer um destes formatos,

---

<sup>2</sup> Carey, 1995:44.

<sup>3</sup> Excerto de texto integral publicado no Diário de Notícias de 25 de Outubro de 1990, também disponível em Gusmão, 1994:145.

jornalistas. Os timorenses não perdem toda e qualquer ocasião de transmitir aos estrangeiros as informações essenciais sobre o que se está a passar desde 1975 e começam a ganhar aliados internacionais. As estruturas da Igreja Católica desempenham em todo esse processo um papel muito importante, a que se somam os jovens da Frente Clandestina que contactam, informam e mobilizam. A porta entreabria-se.

### **1.1. O Mundo em mudança**

É certo que estas importantes mutações no figurino da luta timorense pela sua liberdade não teriam o impacto que registaram se o mundo não tivesse mudado muito. A queda do Muro de Berlim, o fim da União Soviética, a Guerra do Golfo (com o paralelismo Timor/Koweit)<sup>4</sup> e a afirmação hegemónica dos Estados Unidos deram novas oportunidades à causa de Timor<sup>5</sup>.

No final dos anos 70, na região da Ásia/Pacífico, o efeito da tese da “queda em dominó” é contrariado pelo forte apoio ao desenvolvimento económico de países como a Coreia do Sul e Taiwan e apoio à instalação e/ou estabilização de regimes não comunistas (Malásia, Filipinas, Tailândia, Indonésia, Singapura), alguns deles dinamizadores do Movimento dos não-alinhados e outros claramente aliados dos EUA<sup>6</sup>. Por outro lado, o Japão continua na senda do seu progresso económico, assumindo-se como uma superpotência nesse domínio, que só virá a ser afectada nos anos 90.

Na década de 80, o efeito Gorbatchev, bem como o início da liberalização económica na China induz uma aceleração nas mudanças. No plano económico, o colapso da URSS e consequentemente da sua capacidade de apoiar os “países amigos”, bem como os movimentos revolucionários espalhados pelo mundo, torna-se ainda mais marcada por contraste com os sucessos crescentes de modelos de desenvolvimento económico do bloco não-comunista que tinham a sua expres-

---

<sup>4</sup> Xanana, em 1993, em carta dirigida a Clinton diz: “Existe um paralelismo evidente nos argumentos de fundo entre a invasão e a ocupação de Timor-Leste por forças indonésias e a invasão do Koweit pelo Iraque. Só existiu uma diferença colossal: parte do mundo apoiou a política indonésia enquanto Bagdad recebia a lição justa por violar o Direito Internacional”. In Gusmão, 1994: 352.

<sup>5</sup> Horta, 1994: 301-302.

<sup>6</sup> Leandro, 2001: 25.

são máxima na região asiática com os designados “tigres asiáticos” (Coreia do Sul, Taiwan, Hong-Kong, Singapura e, mais tarde, Tailândia e Malásia). Também os EUA alteraram a sua opção de apoio a regimes ditatoriais de direita o que levou a que, em dez anos, doze países da região se democratizaram, destacando-se a Coreia do Sul, Taiwan e Filipinas<sup>7</sup>.

Em 1989 cai o Muro de Berlim, momento simbólico do final da Guerra Fria e da afirmação dos EUA como a única superpotência à escala global, que inicia também uma importante retoma económica. Na Ásia/Pacífico, os regimes comunistas, exceptuando a Coreia do Norte, vão-se enfraquecendo e sofrendo mutações importantes, deixando de constituir uma ameaça real à estabilidade regional.

Este novo contexto, leva a que pela primeira vez, em consequência do massacre de Santa Cruz, em 1991, os EUA tenham penalizado fortemente a Indonésia, nomeadamente, com a suspensão de apoios no domínio do treino militar e o bloqueio à venda de armas<sup>8</sup>.

Em termos regionais, a crise económica asiática, que se inicia no Japão em 1997, rapidamente se alargou a toda a região, com particular impacto e relevantes consequências na política indonésia. Suharto, pela primeira vez, fica vulnerável e frágil, incapaz de evitar pressões internacionais fortes no sentido da democratização da Indonésia, do respeito pelos direitos humanos e, muito naturalmente, por uma solução justa para Timor-Leste. Os estudantes indonésios lideram a contestação e em Maio de 1998, Suharto demite-se, cedendo o lugar ao seu vice-Presidente, Habibie. A crise atinge tal grau que a Indonésia fica sem voz perante o FMI ou o Banco Mundial e os seus velhos aliados começam a admitir rever as suas posições.

Com efeito, poucas mudanças se haviam verificado na posição política dos Estados Unidos bem como na política australiana, ao longo de todo o período de ocupação, que se mantém de total apoio à Indonésia, reconhecendo a integração não só de “facto” mas de “direito”. Este facto leva Tiffen, Professor de Relações Internacionais em Sidney, a afirmar que “*a política externa australiana em relação a Timor, no último quarto de século, foi um desastre*”<sup>9</sup>. A alteração,

---

<sup>7</sup> Leandro, 2001: 27.

<sup>8</sup> Carey, 1995: 52.

<sup>9</sup> Tiffen, 2001: 1.

porventura cínica e oportunista, ocorre só quanto já é inevitável o desfecho da independência.

## **2. CARTA AO SECRETÁRIO-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O REFERENDO E VISITA DO PAPA A TIMOR – FEVEREIRO E OUTUBRO DE 1989**

*“Hoje acredito que o Papa na sua sabedoria centenária, decidiu visitar Timor-Leste porque achou que era a forma de ajudar-nos a ganhar um espaço na agenda internacional”*

*Ramos Horta, “Amanhã em Díli”, 1994*

O ano de 1989 que havia começado sob o signo da abertura de fronteiras vai revelar-se um ponto de viragem decisivo, abrindo o que chamamos a “década mediática”.

Em Fevereiro, D. Carlos Ximenes Belo, Administrador Apostólico de Díli, como já foi referido, pede o Referendo ao Secretário-geral das Nações Unidas. Diz na sua carta:

“Como responsável da Igreja Católica de Timor e como cidadão timorense, venho por este meio pedir a Sua Excelência que inicie um processo genuíno e democrático de descolonização de Timor-Leste a ser realizado por um referendo. O Povo de Timor deve ser ouvido sobre o seu futuro por meio de um plebiscito. Até ao momento ainda não foi consultado. Outros falaram em seu nome. É a Indonésia que diz que o povo de Timor-Leste escolheu a integração, mas o povo em si nunca o afirmou. Portugal espera que o tempo resolva o problema. Mas estamos a morrer como povo e como nação.”<sup>10</sup>

Nunca ninguém, com a responsabilidade paralela à do Administrador Apostólico de Díli, tinha ousado tal pedido. O Ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio, Ali Alatas, responde que *“Timor é um assunto definitivamente encerrado, tendo escolhido fazer parte da Indonésia de que é a 27<sup>a</sup> província”*,<sup>11</sup> mas Mons. Belo recebe a solidariedade de muitos, nomeadamente de cinco cardeais, 32 arcebispos, 77 bispos e vários outros chefes religiosos da área Ásia-Pacífico.

---

<sup>10</sup> Documento disponível em Kohen, 1999: 158.

<sup>11</sup> Carrascalão, 2002: 223.

É o início da afirmação internacional do Bispo Belo, enquanto Porta-voz reconhecido da causa timorense, consagrado mais tarde, com a atribuição do Nobel da Paz.

É também Ximenes Belo que, em Outubro desse ano, recebe o Papa João Paulo II em visita, durante quatro horas, a cidade de Díli. É curioso que em 1986, Xanana Gusmão, já se havia referido a João Paulo II, da seguinte forma:

“É com gratidão que tivemos conhecimento de que Sua Santidade o Papa João Paulo II continua rezando pelo Povo de Timor-Leste (...). Apelamos a Sua Santidade para interceder junto dos governos ocidentais e, nomeadamente, da Austrália, no sentido de reservar a sua atitude perante o martírio do Povo de Timor-Leste. Expressamos a nossa confiança de que Sua Santidade continuará abençoando a heróica luta do povo maubere pela sua libertação!”<sup>12</sup>

João Paulo II tinha sobre Timor uma posição distinta da estrutura do Vaticano. D. Martinho, no seu encontro particular com o Papa, sublinha o “enorme encorajamento” recebido<sup>13</sup>. A sua vontade expressa de visitar Timor reflecte isso mesmo. A sua visita a Díli, em 12 de Outubro, criticada por muitos nos aspectos formais e simbólicos, era reavaliada, mais tarde, por Ramos Horta da seguinte forma: “*Hoje acredito que o Papa na sua sabedoria centenária decidiu visitar Timor-Leste porque achou que era a forma de ajudar-nos a ganhar um espaço na agenda internacional*”<sup>14</sup>.

Com efeito, as dezenas de jornalistas que acompanhavam o Papa, não estavam condicionadas pela Indonésia e o seu trabalho não sofria o risco de gerar represálias<sup>15</sup>. Meios internacionais como *La Stampa*, *El País*, *Reuters*, representados nessa comitiva. Confirmando esta importância estratégica, um dos jornalistas que acompanhou a visita, Francesc Valls, do *El País*, sublinhava:

“O cuidado minucioso com que o Governo indonésio preparou a visita a Díli, capital de Timor-Leste, veio por água abaixo devido a uma manifestação contra a anexação desta ex-colónia portuguesa pela Indonésia em 1975. Os gritos por um Timor-Leste independente ecoaram em português e em tetum, quando João

---

<sup>12</sup> Gusmão, 1994: 205.

<sup>13</sup> Kohen, 1999: 134.

<sup>14</sup> Horta, 1994: 132.

<sup>15</sup> Kohen, 1999: 164.

Paulo II conclui, com as palavras “ite missa est”, a celebração eucarística da que se previa ser a etapa mais polémica desta visita que o Pontífice realiza ao sudeste asiático (...). Entretanto avolumavam-se os gritos a favor da independência de Timor. As forças de segurança começaram então a actuar com maior contundência contra os jornalistas. Arrebataram as máquinas a dois deles, destruindo os filmes.”<sup>16</sup>.

Era a primeira vez desde 75 que os jornalistas voltavam a Timor e, ao contrário do que a propaganda indonésia proclamava, a “integração” não estava consumada. Bem pelo contrário. A manifestação dos jovens e a reacção dos indonésios mostrava que os timorenses continuavam a lutar pela auto-determinação. Os ecos dessa manifestação estenderam-se até Janeiro de 1990, por ocasião da visita do Embaixador dos EUA em Jacarta, Jonh Monjo. Junto ao Hotel em que se hospedava, manifestaram-se com intensidade, conseguindo captar a atenção do embaixador. Quanto este se retirou a polícia carregou fortemente e deteve vários jovens.

### **3. MASSACRE DE 12 NOVEMBRO DE 1991. MISSÃO PAZ EM TIMOR – MARÇO 1992**

*“O 12 de Novembro destroçou 17 anos de paciente diplomacia indonésia”*

*Nuno Rocha, “Timor, o Fim do Império”*

A desilusão causada pela suspensão da visita da Delegação Parlamentar portuguesa em Outubro de 91, quando já haviam sido corridos muitos riscos na preparação da recepção a essa comitiva, acrescida do desespero de ver os jornalistas que haviam chegado para cobrir esse evento, partirem sem nada levar que contar do sofrimento de Timor criou um ambiente explosivo, particularmente junto dos jovens.

Em 12 de Novembro de 91, encontrava-se em Díli o relator especial da ONU para os assuntos de tortura, Peter Kooijmans, para se reunir com o general Warouw. Nesse dia, na sequência duma romagem ao cemitério de Santa Cruz, em memória de um jovem morto duas

---

<sup>16</sup> Magalhães, 1992: 45.

semanas antes pela polícia<sup>17</sup>, aquela transforma-se em manifestação em prol da independência, com mais de três mil participantes. Surgem cartazes e *slogans* dizendo “Viva a Independência”, “Viva Xanana Gusmão” e, sobretudo, “Viva Timor-Leste”.

Os militares indonésios, com conhecimento prévio dos acontecimentos, esperam a manifestação em Santa Cruz e provocam um verdadeiro massacre com 270 mortos<sup>18</sup> e cerca de 250 desaparecidos. Nada de novo na história recente da ocupação indonésia de Timor, excepto a presença de cinco jornalistas estrangeiros<sup>19</sup> em Díli que testemunharam o que se passou, tendo um deles – Max Stahl – filmado cenas do massacre e outro – Steve Cox – fotografado esses momentos. Essas imagens, passadas para o exterior, tiveram um enorme impacto e constituem um marco na libertação de Timor.

Depois das imagens de Santa Cruz, Timor assumiu-se definitivamente como tópico da agenda internacional. Ramos Horta sublinharia que:

“em Novembro de 1991 a resistência conheceu alguns sucessos mediáticos extraordinários, resultado de um hediondo crime filmado por um cineasta corajoso. O mundo acordou finalmente para o drama e a luta de um povo. A Indonésia não mais conseguiu desinteressar a comunidade internacional (...)”<sup>20</sup>

Por outro lado, Xanana Gusmão virá a avaliar assim:

“O 12 de Novembro deu o impulso necessário que faltava e, mais uma vez, soubemos responder às exigências da Luta, mais uma vez ficou comprovado que as acções decisivas têm de partir do interior da Pátria. (...). O 12 de Novembro mostrou-nos, assim mesmo, as novas potencialidades e creio que, sobretudo, ensinou-nos a rever métodos já tradicionais de trabalho”<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Sebastião Gomes Rangel, de 18 anos, foi morto pelas forças indonésias, na Igreja de Santo António de Motael em 27 de Outubro de 1991. A Romagem a 12 de Novembro parte da mesma igreja onde havia sido assassinado o jovem e dirige-se ao cemitério de Santa Cruz, onde estava sepultado.

<sup>18</sup> Cf. relatório da Amnistia Internacional, “Indonésia e Timor-Leste”, 1994: 50.

<sup>19</sup> Max Stahl, Amy Goodman, Alan Nairn, Saskia Kowenberg e Steve Cox.

<sup>20</sup> Horta, 1994: 303.

<sup>21</sup> Excerto de Mensagem para os timorenses na diáspora, Maio 1992; in Gusmão, 1994: 209-226.

Do outro lado, apesar do discurso oficial lamentar as mortes e ter aberto um processo de investigação, os culpados foram punidos com penas claramente inferiores às vítimas timorenses também julgadas.

Nuno Rocha, representante oficioso do *lobby* indonésio em Lisboa concluía “*O 12 de Novembro destróçou 17 anos de paciente diplomacia indonésia*”<sup>22</sup>.

A imagem do jovem ferido, gemendo no chão do Cemitério de Santa Cruz, amparado por outro, assustado, que o tenta confortar torna-se uma imagem referencial e símbolo de uma causa. Os jovens que já tinham assumido um papel relevante nas manifestações na visita do Papa ou do Embaixador norte-americano em Jacarta assumem-se em Santa Cruz como um dos eixos essenciais da Resistência. Nessa tragédia, foi também assassinado um jovem neo-zelandês, de origem malaia, Kamal Banadhaj<sup>23</sup>, membro de uma organização de solidariedade estudantil de Sydney<sup>24</sup>.

Por outro lado, o som das orações em português, proclamadas por vítimas inocentes, bem como o facto de o dia ter começado com uma Missa em Santo António de Motael, em Díli, reforça o enquadramento simbólico cristão que aproxima definitivamente a causa de Timor do Ocidente culturalmente cristão. Particularmente, em relação a Portugal, a fé expressa em português<sup>25</sup> daquele povo inocente é fortemente marcante.

Num segundo ciclo de projecção mediática, procurando reforçar a presença que até então tinha sido conseguida, um grupo de jovens portugueses, ao redor de uma publicação estudantil, lança, na sequência do massacre de Santa Cruz, a Missão Paz em Timor. Usando um navio – Lusitânia Expresso – e recorrendo a um conjunto de argumentos de forte impacto mediático – os estudantes, a acção pacífica, a dimensão internacional, a presença de VIPs, a ousadia da acção, o *suspense*, o confronto de “David contra Golias” – procuraram abrir um pouco mais a janela de atenção sobre Timor. Durante 3 meses, em

---

<sup>22</sup> Rocha 1999: 152. Carta dirigida ao Dr. Mário Soares, Presidente da República, em 16 de Abril de 1993.

<sup>23</sup> Kamal era filho de uma jornalista – Helen Tood – que escreveu um importante artigo para o Wall Street Journal, em 3 de Dezembro (“A son’s death in east timor”) e outro, mais tarde, para o Asian Wall Street Journal (“Death in East Timor”).

<sup>24</sup> Carey, 1995: 50.

<sup>25</sup> Costa, 2002: 60.

Portugal e na região do Sudeste asiático, com grande destaque para a Indonésia, o Lusitânia Expresso manteve Timor na agenda. Xanana Gusmão sintetiza desta forma a sua avaliação:

“Pelos objectivos dos promotores, era bem-vinda a iniciativa. Objectivos que foram, no essencial, alcançados. Consideramo-lo um acto de coragem da juventude portuguesa, à qual reafirmo o nosso apreço e a nossa profunda gratidão...”<sup>26</sup>

Um dos principais territórios onde se verificou essa atenção foram, inesperadamente, os *media* indonésios. A sua atenção posterior ao LE ajudou a manter a atenção e a encadear argumentos. “Missão Paz em Timor ? Porquê? ... para colocar uma coroa de flores em Santa Cruz, onde em 12 de Novembro de 1991, aconteceu um massacre...” A construção mediática da causa de Timor ganhava corpo também no seio da Indonésia.

#### 4. PRISÃO E JULGAMENTO DE XANANA GUSMÃO – 1992/3

*“Para nós todos os timorenses são Xanana.  
Se um Xanana for capturado, outro há-de vir”*<sup>27</sup>

Em 20 de Novembro de 1992, a luta do povo timorense sofre um pesado revés: Xanana Gusmão, líder carismático da resistência é preso pelos indonésios. Note-se que para além do transtorno objectivo para a Resistência que significava ter o seu líder capturado pelos inimigos, *Xanana Gusmão* era então um outro símbolo determinante, enquanto Porta-voz da causa de autodeterminação. A sua imagem de guerrilheiro intrépido e corajoso que combatia nas montanhas pela liberdade do seu povo, a sua voz grave e o seu discurso enfático, o ecoar das palavras “Pátria ou Morte. Resistir é Vencer” com que sempre acabava as suas mensagens... tudo isso se desmoronava com a sua prisão e, mais ainda, se viesse a “quebrar”, assumindo a derrota da luta, como parecia estar a acontecer nas primeiras notícias.

---

<sup>26</sup> Entrevista de Rui Araújo (RTP), respondida por gravação video, feita nas montanhas de Timor a 20 de Julho de 1992. Texto disponível em Gusmão, 1994: 263-269.

<sup>27</sup> Testemunho de timorense citado em Carey, 1995: 39.

O curso dos acontecimentos veio a provar, uma vez mais, que Xanana Gusmão – além de corajoso e fiel à luta do seu povo – era incrivelmente astuto. Deixando os indonésios acreditar na sua “conversão” e desistência, proporcionou condições para um julgamento mediático, repleto de jornalistas, que Jacarta tinha autorizado, ou mesmo convidado, para assistirem ao que julgava ser o fim do problema de Timor. Mas o depoimento de defesa de Xanana, em Maio de 1993, começava, depois de breves agradecimentos, assim: “*Eu sou Kay Rala Xanana Gusmão, o Líder da Resistência Maubere contra a cobarde e vergonhosa invasão de 7 de Dezembro de 1975 e a criminosa e ilegal ocupação militar de Timor-Leste desde há 17 anos. No dia 22 de Novembro do ano findo, em Denpasar, assinei um documento em que eu afirmava: perante o direito internacional eu continuo, com todos os timorenses, cidadão português e, perante a minha consciência sou cidadão de Timor-Leste*”<sup>28</sup>. Não será necessário sublinhar o impacto mediático desta declaração – que já tinha chegado antecipadamente à Reuters e ao *Público*, pela mão de Ramos Horta<sup>29</sup> – e o ânimo renovado que inspirou.

Acresce que com a sentença de prisão perpétua (mais tarde comutada) a situação de Xanana aproximava-se de um outro ícone de referência: Nelson Mandela. Curiosamente, em Maio de 1992, o líder timorense havia dirigido uma mensagem a Mandela, onde se identificava com o líder sul-africano e lhe pedia “*ajude-nos Ex<sup>o</sup> Senhor Presidente a alcançar a Paz! (...). Ajude a desmantelar as grades desta grande prisão que é Timor-Leste, para que o Povo seja livre, apelando aos governos ocidentais para considerarem o direito do Povo de Timor-Leste à autodeterminação e independência e exerçam pressão sobre Jacarta a aceitar o diálogo* (...)”<sup>30</sup>.

Mandela mostrou não ter esquecido estas palavras.

Todo o capital simbólico que a comparação Mandela/Xanana<sup>31</sup> encerra foi de uma enorme importância, tanto mais que desde 1990 já a luta de Mandela era uma causa vitoriosa. O contacto efectivo entre

---

<sup>28</sup> Depoimento de defesa de Xanana Gusmão no Tribunal, publicado em Ramos Horta, J. “Amanhã em Díli”, Publicações D. Quixote, 1994.

<sup>29</sup> Horta, 1994: 306.

<sup>30</sup> Disponível em Gusmão, 1994: 291-293.

<sup>31</sup> Kohen, 1999: 42.

estes dois homens em Julho de 1997, na visita de Mandela à Indonésia é determinante. Com uma ousadia só permitida a grandes Homens, Mandela pediu ao seu anfitrião Suharto que autorizasse que o prisioneiro de Cipinang, viesse jantar com ele ao Palácio, o que acontece em 15 de Julho de 1997. Seguiu-se a intercessão do presidente sul-africano, junto de Suharto, pela libertação de Xanana. Quando o *The Guardian*, mais tarde, titula “*Xanana, o Mandela de Timor*”<sup>32</sup> celebra esse momento fundamental de transferência de capital simbólico entre duas grandes personalidades. Quando também Madeleine Albright se avistou com Xanana Gusmão, em Maio de 1999, em pleno edifício do Ministério dos Negócios Estrangeiros indonésio, já ninguém estranha que tal possa acontecer. O prisioneiro Xanana Gusmão, na sala de visitas do seu carcereiro recebe a visita da representante da nação mais poderosa do mundo...

#### 4. OCUPAÇÃO DA EMBAIXADA AMERICANA EM JACARTA – 1994

A Indonésia procurou ao longo da sua ocupação promover a implantação de uma “indonesianidade” através da substituição dos valores do povo timorense pelos valores nacionais – predominantemente javaneses e islâmicos – da potência colonial<sup>33</sup>. Uma das formas de o fazer foi procurando “indonesiar” os jovens timorenses. Assim, o Governo indonésio promoveu intensamente, a partir de 1984, as bolsas de estudo que permitiam aos estudantes fazerem os seus cursos nas universidades indonésias e, na expectativa do invasor, assim formar bons cidadãos indonésios. Ora, mais uma vez a opção tomada revelou-se desastrosa. Uma vez na Indonésia, os estudantes “apercebem-se cada vez mais da sua identidade própria e organizam-se para lutar pela justiça e pela verdade”<sup>34</sup>.

Os estudantes levaram a luta pela autodeterminação de Timor para o coração da Indonésia, conquistando novos apoios junto dos democratas indonésios, dispondo de muito maior liberdade de movi-

---

<sup>32</sup> Título do *The Guardian*, 22 de Abril de 2002.

<sup>33</sup> Carey, 1995: 9.

<sup>34</sup> Piedade, 2001: 60.

mentos e permitindo um acesso menos vigiado ao mundo<sup>35</sup>. E agindo mediaticamente com uma eficácia notável.

Uma dessas expressões organizativas era a IMPETU<sup>36</sup> que, nos primeiros anos, garante importantes serviços de canalização de correspondência e de informações para o exterior, nomeadamente para a Austrália. Em 1986, cinco destes jovens timorenses pedem asilo na Embaixada da Holanda em Jacarta. É o início de um longo ciclo em que as Embaixadas se tornam um alvo importante para a divulgação da luta de Timor e que atingiram a Suécia, França, Inglaterra, Rússia, Áustria e, sobretudo, os Estados Unidos, como veremos adiante. O incómodo e o desgaste da imagem internacional da Indonésia eram evidentes.

Em 1988 os vários movimentos da Frente Clandestina tentam reorganizar-se na Indonésia. Estas estruturas organizam, depois do Massacre de Santa Cruz, várias manifestações na Indonésia que vêm a ditar a prisão dos seus principais líderes – João Freitas da Câmara, Fernando Araújo e Virgílio Guterres – em Cipinang (Jacarta) com penas entre os 10 e os 2 anos respectivamente<sup>37</sup>.

A 12 de Novembro de 1994, no terceiro aniversário do massacre de Santa Cruz, no dia em que Clinton chega a Jacarta para uma cimeira da APEC, 29 estudantes timorenses invadem a Embaixada norte americana na capital da Indonésia criando uma situação extremamente embaraçosa para o regime indonésio e para o presidente americano. O seu líder, Domingos Sarmiento Alves, tinha preparado tudo ao pormenor. O arrastamento da diplomacia americana para uma maior intervenção na causa de Timor, mas sobretudo o enorme impacto mediático no contexto internacional desta acção, nomeadamente junto dos *media* americanos, foi uma notável vitória. As televisões recuperam as imagens de Santa Cruz (cumpria-se o 3º aniversário), que enquadravam a acção espectacular deste grupo, sem nunca usar a violência. A CNN fez uma ampla cobertura e nos jornais e revistas de maior prestígio internacional somaram-se às notícias, editoriais no *New York*

---

<sup>35</sup> Carey, 1995: 47.

<sup>36</sup> IMPETU – sigla que em bahasa indonesia quer dizer Liga de Estudantes Timorenses, criada em Jacarta em 1984.

<sup>37</sup> Câmara, 2002: 57.

*Times*, *Washington Post*, *USA Today*, *Wall Street Journal*.<sup>38</sup> De novo, os jovens lideravam as acções de maior impacto para a divulgação da causa da auto-determinação.

## 5. PRÉMIOS NOBEL DA PAZ – 1996

De uma forma determinada, a resistência timorense sempre recusou qualquer forma de terrorismo. Mesmo as suas acções violentas, no contexto da invasão de Timor tinham como alvo exclusivo os militares indonésios, num quadro de guerra de auto-defesa. Por exemplo, mesmo tendo redes na Indonésia nunca os timorenses desencadearam acções terroristas junto de alvos civis. Essa estratégia revelou-se, por um lado, de enorme sentido humanista – os cidadãos indonésios não tinham culpa das atrocidades dos seus militares e da insensatez dos seus políticos – bem como, por outro lado, se repercutiu muito favoravelmente na opinião pública internacional.

É importante referir que já nos encontros com o coronel Purwanto, no cessar-fogo de 1983, Xanana tinha respondido à declaração inicial dos indonésios “*estamos aqui como irmãos e não como inimigos*” com a corajosa afirmação: “*Também pensamos que estamos perto uns dos outros, povo maubere e povo indonésio. Queremos boas relações e paz*”<sup>39</sup>.

Esta opção estratégica, granjeou tais apoios que, em 1996, José Ramos Horta e D. Carlos Filipe Ximenes Belo, são galardoados com o Prémio Nobel da Paz “*pelo seu trabalho tendo em vista uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste*”<sup>40</sup> que é anunciado em 11 de Outubro e entregue em 10 de Dezembro. Os indonésios nem queriam acreditar. Não se fez esperar a sua reacção violenta. Também os Estados Unidos, a Austrália e o Japão não apresentaram felicitações formais aos laureados, enviando mensagens a “título pessoal”.

A exposição mediática para a causa de Timor daqui decorrente, proporcionada pela notícia da atribuição do Prémio, a sua entrega e a entrada, por via da construção da Paz, de dois timorenses para a

---

<sup>38</sup> Kohen, 1999: 211.

<sup>39</sup> Jolliffe, 1989: 135.

<sup>40</sup> in <http://www.nobel.se/peace/laureates/1996/>

galeria das figuras notáveis da humanidade, são momentos decisivos. Afirmam-se dois protagonistas – Ramos Horta e Ximenes Belo – e a associação da causa da autodeterminação de Timor ao universo simbólico da Paz consolida-se definitivamente.

A partir deste momento, muitas portas que ainda se mantinham fechadas abriram-se de par em par. Conferências, visitas, outros prêmios aos galardoados multiplicavam a notoriedade da causa de Timor.

## 6. REFERENDO – 1999

A crise económica na Ásia, que atingiu duramente a Indonésia, constitui o golpe final em Suharto, que se vê obrigado a abandonar o poder em Maio de 1998, em favor do seu vice Presidente, Habibie. Ao mesmo tempo, um aliado de sempre, a Austrália, começa a mudar de posição, após a reeleição de Howard em nesse mesmo ano<sup>41</sup>. Nesse mesmo ano, o Congresso americano e a União Europeia insistem na autodeterminação de Timor-Leste.

Em 27 de Janeiro de 1999, o Presidente Habibie anuncia a admissão da possibilidade de uma consulta aos timorenses sobre a permanência ou não na Indonésia. Alatas é, aparentemente, apanhado de surpresa. A 5 de Maio desse mesmo ano, em Nova Iorque é assinado, na presença do Secretário Geral das Nações Unidas, o acordo entre Portugal e a Indonésia que viabiliza o referendo.

O curso da história era já imparável e o seu epílogo aproximava-se. Com exposição mediática máxima, jogam-se as últimas estratégias. Os indonésios e os timorenses pró-integracionistas, quando percebem que não têm qualquer hipótese de vencer a consulta popular, apostam tudo – antes, durante e depois do referendo – na sua inviabilização, através da instalação de um clima de guerra civil, que fizesse regressar o fantasma de 1975.

De novo, os timorenses que lutam pela sua independência voltam a mostrar enorme sentido estratégico percebendo que o momento era “imperdível”, custasse o que custasse. A ampla cobertura mediática<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Tiffen, 2001: 56.

<sup>42</sup> Na última conferência de imprensa da UNAMET antes do referendo estavam presentes 22 equipas de televisão. Tiffen, 2001: 64.

ser-lhes-ia favorável, desde que não se iniciasse uma guerra civil. Com uma disciplina notável, não respondem às sucessivas e violentas provocações, embora tivessem meios para tal. A sua liderança, em estreita ligação com o povo, percebe que qualquer gesto nesse sentido poderia fazer perigar tudo o que já tinha sido alcançado. Ao invés, uma atitude estóica, não violenta, reforçaria a sua imagem e força moral junto da comunidade internacional. Afirmam-se então novas imagens, decisivas para o paradigma da *vítima inocente*, com quem todo o mundo – agora atento e ligado em directo – se solidariza: as casas queimadas, as deportações maciças para a Indonésia, o assassinato indiscriminado de civis (massacres em Suai, Liquiçá e Baucau), o cerco à sede da UNAMET, as imagens da fuga da população para as montanhas, a brutalidade das milícias comandadas por militares indonésios.

O desfecho é conhecido: no referendo a vitória do “sim” à independência por 78%. Segue-se, a partir de 5 de Setembro, a deportação de largas dezenas de milhares de timorenses para Timor Ocidental, êxodo dos restantes para as montanhas e a destruição maciça de todas as infra-estruturas nos dias seguintes. Morrem centenas de timorenses. A casa do Bispo Ximenes Belo é totalmente destruída e o prelado vê-se obrigado a sair do território.

Dos 180 jornalistas então presentes, só 20 se mantêm. Dois jornalistas estrangeiros, Sandy Toeners<sup>43</sup> e Agus Muliawan<sup>44</sup>, são assassinados violentamente, como expressão limite do ódio que militares indonésios e milícias dedicam aos jornalistas, a quem culpam de tudo o que aconteceu. Durante os meses que antecederam o referendo, por várias vezes os jornalistas estrangeiros presentes no território haviam sido ameaçados ou mesmo agredidos, mas nunca se tinha chegado a este nível. Este trágico acontecimento, marca simbolicamente o fim de um ciclo que, curiosamente, se tinha iniciado com a morte de outros seis jornalistas, em 1975.

Fora de Timor, em particular em Portugal, a opinião pública mobiliza-se e vai para a rua. Foi um tempo rico de afirmação de gestos simbólicos: os cordões humanos, a roupa branca, a pressão junto das

---

<sup>43</sup> Jornalista holandês, sediado na Indonésia, ao serviço do *Financial Times* e de “The Christian Science Monitor”.

<sup>44</sup> Jornalista indonésio, ao serviço de uma equipa de televisão japonesa.

embaixadas, nomeadamente a norte americana, as emissões de rádio *non-stop*...

Finalmente, menos de um mês depois do referendo, em 15 de Setembro, dá-se a aprovação da Resolução nº 1164 do Conselho de Segurança que autoriza o envio de uma força multinacional de paz, a INTERFET, ironicamente comandada e constituída na sua maioria por meios australianos, naquela que foi a mais rápida decisão do género do Conselho de Segurança das Nações Unidas que precede a saída da Indonésia. Os primeiros soldados australianos chegam a 20 de Setembro ao território e após um breve período de transição, o último soldado indonésio abandona Díli em Outubro de 1999.

A utopia tornava-se realidade. Pouco tempo depois, Timor-Leste tornava-se independente, em 2002. A sua última batalha havia sido ganha nos *media*.

## BIBLIOGRAFIA

- BARBEDO MAGALHÃES, António (1992) *Timor-Leste – Ocupação indonésia e genocídio*, Universidade do Porto.
- CÂMARA, João Freitas (2001) “Impetu e o seu movimento de libertação na Indonésia” in *Timor Lorosa’e; Camões – Revista de Letras e Cultura lusófonas*, Julho 2001, pag. 50-58, Instituto Camões, Lisboa.
- CAREY, Peter (ed.) (1995) *East Timor at the crossroads. The forging of a nation*.
- CARRASCALÃO, Maria Ângela (2002) *Timor – os anos da resistência*, Mensagem, Lisboa.
- COSTA ALVES, Manuel (1998) *Voltar a Timor*, Gradiva.
- GUSMÃO, Xanana (1994) *Timor-Leste – Um povo, uma pátria*, Colibri, Lisboa.
- JOLLIFE, Jill (1989) *Timor – Terra sangrenta*, Editorial O Jornal, Lisboa.
- KOHEN, A. (1999) *Por Timor – Biografia de D. Ximenes Belo*, Editorial Notícias, Lisboa.
- LEANDRO, Garcia (2001) “Timor e a Geo-política regional”, in *Povos e Culturas*, n.º7, pag. 21-36; Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- PIEDADE, João Inocêncio dos Reis (2001) “A reconstrução das sociabilidades e das instituições sociais”; in *Povos e Culturas*, n.º7, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, pag. 53-73.
- RAMOS HORTA, José (1994) *Amanhã em Díli*, D. Quixote, Lisboa.
- ROCHA, Nuno (1999) *Timor – o fim do Império*, Editora Orbipress.
- TIFFEN, Rodney (2001) *Diplomatic Deceits – Government, Media and East Timor*, UNSW Press.